

A CRIAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E CULTURAL DO VALE DO ITAJAÍ NOS ANOS 30: DAS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E POLÍTICA*

Méri Frotscher

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

Este artigo procura analisar os significados da criação de um instituto histórico e cultural do Vale do Itajaí, em meados dos anos 30, num contexto marcado por disputas políticas a nível local e estadual e pela política de nacionalização. Em 1936, antigas forças políticas locais, enfraquecidas, articulam-se com o governo integralista, recém-instalado no município de Blumenau, com o objetivo de criar um espaço de preservação documental e de fomento à produção historiográfica local. Esta ação era também uma tentativa de conservar produções simbólicas caras às elites locais, como a idéia de região do Vale do Itajaí, e de ressignificar interpretações do passado.

Palavras-chave: Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí – historiografia – elites – política – Vale do Itajaí

Abstract

This article analyses the importance of the creation of the Institute of history and culture for the Itajaí Valley, in the middle of the 1930s, in the context of political discussions at the local and national level and the politics of nationalisation. In 1936, the weakened, former oligarchy came to an arrangement with the newly installed integralistic municipal government of Blumenau, with the idea of creating a place to preserve documents and to produce local historiography. These activities also attempted to conserve production of German cultural symbols valuable to the political elite, as the ideals of the valley of Itajaí and interpreting old views in the new political and social context.

* Adaptação em forma de artigo de um dos itens do segundo capítulo da tese de doutoramento da autora: *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina.

Key-words: Institute of history and culture for the Itajaí Valley – historiography – elites – politic – Itajaí Valley

Um dos fatos que se percebe, ao se analisar a historiografia oficial catarinense no século XX, representada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, é a ausência de artigos sobre a história do Vale do Itajaí em suas revistas. A grande maioria das pessoas que escreviam sobre história, oriundas do Vale do Itajaí, não fazia parte do rol de sócios do IHGSC. Na primeira fase da Revista do Instituto, entre 1902 e 1920, constam como membros do mesmo, oriundos do Vale do Itajaí, somente José Bonifácio da Cunha, Victor e Adolfo Konder.¹

Convém situar o lugar de onde falavam estes sujeitos, com o objetivo de entender sua inserção naquela instituição da memória oficial. Bonifácio Cunha, Superintendente Municipal de Blumenau, nos períodos 1890-1892 e 1899-1903, foi eleito sócio efetivo do IHGSC em 1903.²

Não é de se estranhar tal fato, uma vez que, como é sabido, aquela instituição era um espaço de saber “qualificado” e autorizado, na qual estavam reunidos “saber” e “poder”.³ Em 1903, quando Bonifácio Cunha foi eleito sócio do instituto, era governador do estado Lauro Müller, com quem o primeiro mantinha estreitas relações políticas.⁴ Quanto a Victor e Adolfo Konder, naturais de Itajaí, apesar de terem sido eleitos sócios efetivos em 1913, assim como Bonifácio Cunha não escreveram para a revista do Instituto. A inclusão de três políticos do Vale do Itajaí no IHGSC encontra razões nas estreitas ligações entre aquela instituição e a política do governo estadual.

O idealizador do IHGSC, José Artur Boiteux, político republicano com passagem pela câmara dos deputados e várias vezes deputado estadual durante a Primeira República (1889-1930), tinha estreitos laços com Hercílio Luz, governador do estado. O instituto, interessado em escrever a história oficial de Santa Catarina, ia ao encontro das preocupações do governo estadual, no momento de sua constituição.

Apesar da inclusão de três políticos oriundos do Vale do Itajaí, no instituto, na primeira fase da revista, nenhum artigo é publicado sobre história de Blumenau. Isto seria de se estranhar, considerando-se que o seu primeiro presidente, Hercílio Luz, não somente iniciou sua carreira política, mas tinha sua base de apoio político no Vale do Itajaí. Muito embora o instituto estivesse preocupado em legitimar o governo republicano que se instalara, e que teve forte base de apoio em Blumenau, de onde Hercílio Luz, em 1893, comandou a Reação Republicana contra a Junta Governativa instalada no Desterro, durante a Revolução Federalista, chama a atenção a ausência de artigos sobre história do Vale do Itajaí.

Há que se procurar interrogar o porquê e os significados desta ausência. Segundo João Bitencourt, os intelectuais do Instituto estavam interessados em “resgatar os relatos primeiros sobre Santa Catarina”, os “acontecimentos longínquos”, em privilegiar fatos e datas de um tempo remoto, privilegiando desta forma os primeiros núcleos de povoação do litoral de Santa Catarina.⁵ Vale ainda acrescentar que os fundadores e maioria dos sócios do Instituto eram representantes das elites dirigentes e intelectuais em Santa Catarina, principalmente da capital, localizada no litoral.⁶ Conforme Élio Serpa, a primeira fase de publicação da revista do Instituto (1902-1920) é caracterizada pela

ausência de artigos que versem sobre os descendentes e africanos, de alemães e de italianos. As páginas da revista são ocupadas majoritariamente com luso-brasileiros ou com fatos dos quais estes tiveram participação. Pode-se dizer, então, que o discurso da Revista nesta fase estava construindo a identidade catarinense pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral.⁷

Considerando tais observações, não é difícil compreender a inserção de Bonifácio Cunha no IHGSC, em 1903. O mesmo, representante da vertente chamada “nativista”, publicou no início do século XX artigos no jornal *Blumenauer Zeitung*, polemizando com o jornal opositor, *Der Urwaldsbote*, do editor Eugen Fouquet, defensor de idéias pangermanistas, e com o grupo político que este último jornal apoiava.

Além dos interesses dos membros do IHGSC em investir num determinado discurso sobre o passado catarinense, entendemos que há pelo menos mais uma razão para se explicar a pouca inserção de intelectuais habitantes do Vale do Itajaí naquele instituto: o fato de muitos deles escreverem em língua estrangeira, sobretudo em alemão. Isto porque grande parte dos que ocuparam aquelas terras eram imigrantes europeus ou seus descendentes.

Não era a pouca produção historiográfica o motivo da ausência de artigos sobre Blumenau e o Vale do Itajaí nas revistas do Instituto. Durante a Primeira República, havia diversas pessoas que escreviam sobre história em Blumenau, cujo território, à época, compreendia uma vasta área. Seus limites se estendiam de Itajaí, a leste, até Canoinhas e Curitiba, a oeste, numa área vinte vezes maior que a atual. Havia uma significativa produção historiográfica sobre aquele território, escrita por pessoas moradoras ou com vínculos com aquele espaço. Era o caso, por exemplo, de José Deeke,⁸ autor de muitos títulos, de Paul Aldinger,⁹ de Eugen Fouquet,¹⁰ de Gustav Artur Koehler, de Victor Schleiff,¹¹ de José Ferreira da Silva,¹² de Otto Wille,¹³ de Hugo Gensch, do Frei Stanislaw Schaeffe,

do Frei Lucinius Korte, além de outros. Muitos destes autores escreviam e publicavam em língua estrangeira. O livro comemorativo ao Cinquentenário de Blumenau, por exemplo, publicado em 1900, foi escrito em três línguas, português, alemão e italiano, evidenciando não somente a diversidade lingüística de Blumenau, como também o fato dos editores não verem problema em publicar artigos escritos em língua estrangeira, até porque os artigos escritos em alemão e em italiano não foram traduzidos.¹⁴

Deve-se ressaltar que também havia diversos autores que escreviam sobre história local em português, como é o caso de José Ferreira da Silva, que iniciou em fins dos anos 20 a publicação de uma série de estudos sobre história do Vale do Itajaí.

Os autores acima citados publicaram livros, brochuras, outros, apenas artigos em almanaques e nas páginas dos jornais locais. Estes autores não tinham sua vida dedicada somente às Letras. Não podia ser diferente, até porque não havia faculdades no Brasil dedicadas à formação de profissionais na área de História, naqueles tempos. O ofício de historiador era então exercido nesta época por uma categoria mais abrangente de intelectuais, a dos “homens de letras”.¹⁵ Com exceção de Eugen Fouquet, dedicado à edição do jornal *Urwaldsbote*, Gustav Artur Koehler e Victor Schleiff (proprietário e redator do mesmo jornal, respectivamente), dos autores acima citados, os demais exerciam os mais variados ofícios, como o de pastor evangélico (Paul Aldinger), o de cartógrafo e agrimensor, depois diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática (José Deeke), o de advogado e jornalista (José Ferreira da Silva), etc. Dos citados acima, todos escreviam em alemão, com exceção de José Ferreira da Silva, que escrevia em português, e Lucinius Korte, que escreveu em italiano. Esta produção revela a diversidade cultural e lingüística do Vale do Itajaí, por conta das diferentes levas de imigrantes que foram chegando desde meados do século XIX.

Percebe-se, portanto, que havia fora do IHGSC uma série de autores que produziam textos historiográficos sobre Santa Catarina, em geral, e sobre o Vale do Itajaí. O fato da maioria das pessoas que escreviam sobre história regional do Vale do Itajaí escrever em alemão explica, em parte, porque esta produção historiográfica não era publicada pelo IHGSC. Sobre este aspecto, Cristina Ferreira conjectura que a exclusão destes autores da região do Vale do Itajaí pelo IHGSC não pode ser entendida sem se destacar que eles mesmos “articulavam propositalmente uma auto-isenção”, na medida em que escreviam em alemão, diante da valorização que davam ao cultivo desta língua.¹⁶

Com relação à maioria dos autores que escrevia sobre história local em alemão, muito embora a leitura de seus textos por um público maior ficasse dificultada pela barreira da língua, isto não significava que ficassem restritos aos

que liam alemão no Vale do Itajaí. José Deeke, por exemplo, tinha textos publicados em revistas e almanaques de língua alemã de outras cidades do país.

Importante veículo de publicação de artigos destes autores eram os jornais e os almanaques locais. Este espaço proporcionado pela imprensa local, sustentava a possibilidade de publicação de artigos escritos por autores da região.

O peso dos autores que escreviam sobre história, em alemão, no Vale do Itajaí, durante a Primeira República, pode ser percebido, por exemplo, no sumário do livro comemorativo ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina, publicado em 1929. Quase a totalidade dos artigos do livro, organizado por Gottfried Entres e publicado pela Livraria Central, de Florianópolis, eram de autores que moravam no Vale do Itajaí.¹⁷ José Deeke é autor de diversos artigos, que juntos, perfazem um quarto do volume do livro. Ele é o autor dos artigos descritivos sobre a colonização alemã em Santa Catarina, que compõem a obra, além de artigos sobre diversos outros assuntos. Com esta publicação, José Deeke solidifica sua posição no cenário da historiografia catarinense dedicada à tematização das regiões de colonização alemã.

A comemoração dos 100 anos de imigração alemã no estado foi um momento de produção e divulgação de uma memória tida, mais tarde, durante o período da nacionalização, como uma memória não brasileira, por rememorar a presença alemã no estado e por ter sido escrita sobretudo em língua alemã. Foi ainda um momento em que se destacou Blumenau enquanto uma colônia alemã exemplar, servindo este discurso muito bem aos representantes políticos oriundos daquela região, que participavam do governo do estado naquele momento. A publicação destas memórias, ou melhor, a sua aceitação na esfera pública se complica nos anos 30, por conta das mudanças sociais estruturais observadas ao longo dos anos e também da mudança nos rumos da política, tanto a nível local, quanto estadual e nacional.

POLÍTICOS INVESTINDO NUM ESPAÇO DE PRODUÇÃO SIMBÓLICA: A FUNDAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E CULTURAL DO VALE DO ITAJAÍ E SEUS SIGNIFICADOS

O historiador Jacques Le Goff assinala que os governos criam “instituições-memória”, como arquivos, bibliotecas, museus, fazendo narrar os seus feitos, transformando a memória em história.¹⁸ As reflexões deste autor nos inspiram a pensar os significados da criação de “instituições-memória” em Blumenau, como um museu e um instituto histórico e cultural, durante a curta gestão do governo integralista (1936-1937). Naquele momento, percebe-se uma vontade política bem como investimentos no sentido de se criar espaços de

rememoração e de produção de memórias do município. O porquê destas iniciativas talvez possa ser melhor compreendido no contexto de transformação social e política pela qual se passava.

A instabilidade política que se percebe, por exemplo, na grande rotatividade de de prefeitos que Blumenau teve desde 1930, parecia ter mudado com as eleições de 1936, através das quais os integralistas haviam assumido o governo municipal, legitimados pelo voto popular. Foi então que, em maio daquele ano, o presidente da Câmara de Vereadores, o integralista José Ferreira da Silva, vereador mais votado pela AIB nas eleições, e que até então atuava como advogado e jornalista na cidade, tendo também publicado diversos livros sobre história local, convocou uma reunião para se discutir a criação de um Instituto Histórico e Cultural, em que se destacou a presença de diversos políticos de destaque do município. Para criar aquela instituição reuniram-se antigas e novas forças políticas, entre elas alguns representantes do PRC – Partido Republicano Catarinense, então enfraquecidos politicamente.

Nesta reunião ficaram encarregados de preparar os estatutos, Victor Konder, Curt Hering e Frederico Kilian.¹⁹ Além destes, participaram das discussões sobre a criação do instituto, Pedro Christiano Feddersen e Theodor Lüders. Curiosas tais participações, considerando que três deles, Konder, Hering e Feddersen, grandes chefes políticos na Primeira República, através do PRC, eram opositores políticos da AIB – Ação Integralista Brasileira. Entretanto, estes se encontravam enfraquecidos politicamente. Victor Konder, por exemplo, foi derrotado nas eleições municipais de Blumenau, em 1936.²⁰ Os outros dois também não exerciam mais cargos políticos no governo municipal e estadual desde 1930, por conta da Revolução. Quanto aos demais, Frederico Kilian²¹ era escrivão e Theodor Lüders, arquivista da prefeitura municipal de Blumenau.

Chama a atenção o caráter oficial da entidade, tendo em vista que o seu estatuto estabelecia que fariam também parte do Conselho Administrativo, o Prefeito Municipal e o Juiz de Direito da Comarca de Blumenau.²² Esta era uma maneira, portanto, de garantir na direção da entidade, a presença de membros do Executivo e Judiciário municipais. Consta em nota publicada em jornal, em fevereiro de 1937, que o Instituto era composto por 50 sócios fundadores.²³

Com a fundação do instituto, em 09 de novembro de 1936, pretendia-se institucionalizar a preservação de acervo documental e a produção da memória no Vale do Itajaí. Conforme notícias de jornal da época, no estatuto de fundação do instituto, constavam como objetivos da entidade, a organização de um arquivo histórico, a constituição de uma biblioteca, a fundação de um arquivo e museu da colonização do Brasil e a divulgação, por meio de publicações e conferências, da história da colonização da zona do Vale do Itajaí e, em geral, do estado de Santa

Catarina.²⁴ O objetivo principal da entidade teria sido, segundo um de seus fundadores, “juntar, organizar e manter todo documento que tivesse a ver com a história de Blumenau e o desenvolvimento do Vale do Itajaí”.²⁵ Seria um espaço para guarda e conservação de acervos, mas também um espaço institucional de produção e divulgação de saberes.

A Câmara municipal já possuía um acervo de documentos históricos, cujo encarregado era Theodor Lüders, que além de arquivista, organizava exposições e escrevia, anualmente, relatórios com dados estatísticos sobre o município. Com base nesta documentação e mesmo em suas memórias – ele havia imigrado a Blumenau em 1879 – escrevia também textos sobre a história da colonização do Vale do Itajaí. O jornal *Urwaldsbote* o identificou, em nota de seu falecimento, em janeiro de 1938, como “o nosso historiador, estatístico da vida econômica e arquivista”, que teria dedicado 25 anos de sua vida – Theodor Lüders deixou Blumenau em 1888 e retornou em 1912 – aos estudos locais.²⁶ Não se encontrou, contudo, nenhum livro por ele publicado, a não ser alguns artigos histórico-estatísticos sobre o Vale do Itajaí, que o autor escreveu utilizando dados do arquivo do município. Lüders era uma espécie de funcionário da memória da cidade, como se refere Jacques Le Goff,²⁷ um “guardião” do acervo documental do município, pois era a ele que se dirigiam pesquisadores e viajantes interessados em colher informações e material sobre o Vale do Itajaí. Um deles, num de seus trabalhos, chegou a se referir a Lüders como o “herói do trabalho silencioso”.²⁸ Este seu trabalho parece ter sido reconhecido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que em 15 de outubro de 1929 o admitiu como sócio.²⁹

As suas atividades enquanto arquivista da Câmara Municipal, entretanto, deveriam ser ampliadas através da fundação de um instituto regional de pesquisa histórica, como proposto em 1936. A fundação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí se insere numa gestão municipal em que se procurou investir na rememoração de mitos fundadores da história local. O governo integralista, no curto período que governou o município (1936-1938), procurou investir na memória do fundador do município, Hermann Blumenau, e do naturalista Fritz Müller, personagens tão presentes noutros trabalhos sobre a imigração alemã no estado, como uma forma de criar um elo entre o passado e o presente. Vale lembrar que biografias destes alemães haviam sido escritas e publicadas anos antes por José Ferreira da Silva.³⁰ A sua atuação na esfera pública de Blumenau, através da imprensa, sua produção historiográfica e sobretudo sua ascensão ao poder em 1936 certamente ajudam a compreender seu envolvimento na fundação do Instituto.³¹

Além da fundação do instituto histórico e cultural, Ferreira da Silva envolveu-se com o projeto de criação de uma outra “instituição-memória”, durante o governo integralista. Trata-se de um museu dedicado a Fritz Müller, que viveu na Colônia

Blumenau, desenvolveu pesquisas e se correspondia com Charles Darwin. O museu foi fundado na casa onde o naturalista morou, ainda durante o governo integralista. Na época, este ainda pretendia materializar a memória de Hermann Blumenau num monumento a ser exposto em praça pública.³² Este intento foi porém realizado mais tarde, durante o Estado Novo, quando Ferreira da Silva se converteu aos ditames deste regime e assumiu o cargo de Interventor do município.

Ou seja, ao se investir em operações que se apoderavam de fatos e personagens do passado, certamente procurava-se criar um elo entre o passado e o presente. Sim, pois como indaga Pierre Nora, se o que os “lugares da memória” defendessem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Ou seja, se as pessoas vivessem verdadeiramente as lembranças que estes lugares da memória envolvem, eles seriam inúteis.³³ Na mesma linha de pensamento, Eric Hobsbawm, ao analisar o fenômeno da invenção das tradições, afirma que não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam.³⁴

Isto nos faz desconfiar que a vontade de se institucionalizar uma memória em Blumenau tenha sido uma reação a uma nova situação. A própria vitória da AIB, em 1936, refletia esse novo momento político. Para o seu representante, Ferreira da Silva, a criação do instituto talvez seria um modo de mostrar à população realizações no campo da cultura, o que poderia também ser convertido em capital político.

Considerando a vida curta que o instituto teve – tem-se notícias dele na imprensa apenas até 1938 – e as poucas informações sobre o que de fato foi feito neste período em prol e em nome do instituto, não se acredita que o mesmo tenha influenciado a historiografia local. O que nos interessa neste artigo, contudo, é pensar os significados de sua criação e perceber, com base nas fontes encontradas, o imbricamento entre política cultural e interesses políticos. Que interesses poderiam ter os integrantes do instituto na sua fundação?

Em meados dos anos 30, os rumos da política regional, estadual e nacional faziam, talvez, com que alguns integrantes do PRC e pessoas ligadas a ele tivessem a impressão de que a memória do Vale do Itajaí, muito cara no exercício do poder, estava em perigo e que havia chegado a hora de fundar uma instituição para controlá-la. As velhas forças políticas encontravam-se fracas, em meio à ascensão do PLC – Partido Liberal Catarinense – ao governo estadual, de um lado, e da vitória da AIB nas eleições municipais, de outro. Para os representantes do PRC a nível local, envolvidos com a fundação do instituto, tal ato parece não ter sido tanto uma busca de legitimação política, tendo em vista sua crise no cenário local e estadual, mas uma tentativa de salvaguardar uma memória, conforme seus interesses.

Quando estes exerciam a hegemonia política municipal e se encontravam bem representados no governo estadual, durante a Primeira República, escrevia-se sobre a história regional sem a existência de uma entidade do gênero. Nem o projeto de se construir um museu da imigração alemã, em Blumenau, em 1929, havia saído do papel.³⁵ Esta idéia, entretanto, com a fundação do instituto, em 1936, foi retomada e defendida, constando como um de seus objetivos principais. Neste momento, em que há ascensão da AIB no poder municipal, e do PLC, no governo estadual, e o enfraquecimento político do PRC, nos dois níveis, há uma articulação de interesses entre integrantes deste último partido e da AIB, na institucionalização da memória pública em Blumenau.

Vale lembrar que a AIB, mais do que o PRC, era alvo de preocupação do governo estadual, nas mãos de Nereu Ramos. Devido à ascensão ao poder dos integralistas, no Vale do Itajaí, a preocupação do governo estadual, que antes se dirigia ao PRC, havia se deslocado em direção aos integralistas.

Foi neste governo estadual que se investiu na revitalização do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Os governantes anteriores, Interventores Federais nomeados, militares e gaúchos, os dois primeiros, e civil e catarinense, o terceiro, não haviam criado espaços para a intelectualidade catarinense.³⁶ A Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina chegaram a ter o seu terreno e recursos para construção de um prédio próprio confiscados pelo governo militar dos interventores.³⁷ Quando Nereu Ramos assumiu o cargo de governador, em 1935, contudo, chamou diversos intelectuais para a capital, para trabalhar em instituições da administração.³⁸ Um deles, Oswaldo Cabral, ao rememorar a época, afirma que a partir daquele ano se assistiu a um “verdadeiro renascimento das letras em nosso estado”.³⁹ O IHGSC, cujas reuniões estavam interrompidas desde 1931, reorganizou-se em 1935, investindo na ampliação de seus quadros sociais.⁴⁰ A Academia Catarinense de Letras reestabeleceu o contato com os acadêmicos e também a Associação Catarinense de Imprensa, criada em 1932, foi revitalizada. Nereu Ramos procurou manter os intelectuais catarinenses mais importantes ao seu lado, incentivando financeiramente as associações culturais oficiais, publicando suas obras através da imprensa oficial do Estado.

Não foram encontrados documentos que possibilitem perceber a repercussão da fundação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí entre os membros do IHGSC. O fato de José Ferreira da Silva ter ingressado em 1935 no IHGSC pode ter influenciado sua atitude de liderar na Câmara Municipal de Blumenau, a criação do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí, aproveitando sua condição de presidente da mesma.⁴¹ Não se pode afirmar também se este instituto trabalharia em consonância (e em que medida) com o IHGSC ou não,

apenas lidar com o fato de que tanto José Ferreira da Silva, quanto outros articuladores do instituto em Blumenau não eram correligionários políticos do governador, mas integrantes de outros partidos políticos.

Entretanto, tendo em vista que o governo estadual da época apoiasse uma produção historiográfica, através do IHGSC, interessada no passado lusitano de Santa Catarina, talvez a criação de um Instituto Histórico e Cultural no Vale do Itajaí fosse de certa forma uma tentativa dos políticos locais de investir numa memória regional. Durante os protestos contra o desmembramento do município de Blumenau, em 1934, muito se investiu na idéia de uma unidade histórica e cultural entre os municípios que antigamente integravam a Colônia Blumenau. Esta idéia de região aparece também entre os integrantes do instituto fundado, uma vez que eles não fundam um Instituto Histórico e Cultural de Blumenau, mas do Vale do Itajaí, apesar dos principais articuladores morarem no município de Blumenau reduzido com o desmembramento. Naquela época já se mostrava irreversível o desmembramento, ocorrido há dois anos antes. Contudo, parece que os fundadores do instituto não queriam limitar a área de abrangência dos estudos e dos acervos a serem reunidos aos novos limites do município, mas aos antigos.

Naquele ano, durante os festejos do Dia do Colono, em julho de 1936, havia sido inclusive publicado um artigo no jornal *Urwaldsbote*, em que aquele espaço era representado como a “Grande Blumenau”, investindo-se na idéia de que aquele espaço representaria uma região, num claro protesto político à decisão do governo estadual de, dois anos antes, ter desmembrado o município. Este jornal era ligado a políticos do PRC que viam o desmembramento como uma retaliação do governo estadual, que visaria com isto o enfraquecimento econômico e político daquelas antigas elites locais.

Não se tem claro, nem se pode ter, com base nas fontes encontradas, que tipo de história, por outro lado, os integralistas aguardavam produzir e divulgar através do instituto. Para outros de seus fundadores, como Curt Hering e pessoas próximas, entretanto, o instituto seria uma possibilidade de se rememorar o passado “teuto-brasileiro” de Blumenau, tendo-se em vista propósitos políticos bem definidos. Para estes, tratava-se de se assegurar produções simbólicas caras às antigas elites locais, agora enfraquecidas politicamente, assim como de se ressignificar o passado, fazendo-se do instituto um espaço de produção de discursos que conviessem aos seus propósitos. Neste aspecto convém analisar mais de perto as articulações do industrial e ex-Superintendente Municipal de Blumenau, Curt Hering, com o proprietário do jornal *Der Urwaldsbote*, o alemão Gustav Artur Koehler, no sentido de trazer a Blumenau alguém de seu interesse e confiança para trabalhar no instituto e noutros espaços de reprodução de poderes.

Curt Hering, que tinha grande influência nos espaços culturais do município, acumulando diversos tipos de capitais (econômico, social, cultural e simbóli-

co), no sentido de que fala o sociólogo Pierre Bourdieu, manteve, em 1937, conversações com o proprietário do *Urwaldsbote*,⁴² não somente sobre os destinos do instituto, como também sobre os do jornal e os da sede local da Federação 25 de julho, em Blumenau. Através de algumas correspondências entre Gustav Koehler, a sede da Federação 25 de Julho, no Rio de Janeiro e a VDA – *Verein für das Deutschtum im Ausland* (Sociedade para a Germanidade no Exterior), entidade que apoiava instituições que divulgavam a língua e cultura alemãs fora da Alemanha, pode-se perceber, entre outras coisas, em que sentido Koehler pretendia rememorar o passado de Blumenau, através do instituto. Gustav Koehler e Curt Hering tinham interesse em trazer a Blumenau o estudioso Karl Oberacker, brasileiro que havia defendido tese de doutoramento na Alemanha, sobretudo para trabalhar no *Urwaldsbote*, mas também para contribuir com a Federação 25 de Julho local e com o Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí.

Para trabalhar no instituto, não se podia mais contar com o historiador José Deeke que havia falecido em 1931, assim como com Theodor Lüders, que às vezes publicava artigos histórico-estatísticos, mas que estava em idade avançada e doente. O historiador e jornalista Ferreira da Silva, muito embora tivesse liderado na Câmara de Vereadores o projeto de criação do instituto, era filiado à AIB, o que provavelmente inibiria qualquer anseio, por parte de Koehler e Hering, de incentivá-lo a tocar a entidade.

Oberacker era nascido no Brasil e havia recém-publicado sua tese de doutorado na Alemanha sobre os descendentes de alemães no Rio Grande do Sul.⁴³ Ele fazia parte do Grupo de Trabalho Teuto-brasileiro de Berlim e trabalhava na VDA, em Stuttgart. Koehler havia recebido do deputado Marcos Konder,⁴⁴ que em 1936 havia visitado a VDA na Alemanha, a recomendação de convidar Oberacker para vir trabalhar em Blumenau. Em agosto de 1937, este último havia enviado uma carta a Koehler, comunicando sua vontade de voltar para o Brasil e assumir algum cargo numa grande associação cultural ou num jornal.⁴⁵ Numa carta de outubro de 1937, Koehler o convidou a assumir a função de segundo chefe de redação do *Urwaldsbote*, para cuidar especialmente das notícias nacionais.⁴⁶ Além disto, este deveria assumir os assuntos comerciais da Federação 25 de Julho em Blumenau, muito embora devesse se subordinar a Curt Hering, homem de confiança desta entidade na cidade,⁴⁷ e além disto, a contribuir com o Instituto Histórico e Cultural Vale do Itajaí.

Houve toda uma articulação entre Curt Hering, Gustav Koehler, a Federação 25 de Julho do Rio de Janeiro e a VDA para financiar sua vinda a Blumenau.⁴⁸ Isto revela como Koehler e Hering preocupavam-se com que memória iria ser produzida pelo instituto e sobretudo com os destinos do jornal, articulando-se para trazer a Blumenau um intelectual que lhes conviesse, que soubesse

sobretudo se aproveitar da dualidade que a sua condição, a de “teuto-brasileiro” permitia. O proprietário do jornal não abria mão da vontade de continuar publicando-o em língua alemã, mas já sentia a possibilidade de uma futura nacionalização da imprensa. Vale lembrar que a nacionalização escolar já estava em curso neste momento. Ainda havia o fato de que Koehler era de nacionalidade alemã, somado ao fato de que as posições de seu jornal eram grande alvo de críticas por parte de diversos círculos no estado.

Koehler dava como argumento, ao convidar Oberacker, de que tanto ele próprio, assim como Victor Schleiff, o outro redator do jornal, já haviam alcançado os 60 anos de idade. Também destacava, em carta à VDA, que Oberacker era cidadão brasileiro, enquanto que Schleiff e ele próprio haviam nascido na Alemanha,⁴⁹ o que poderia complicar a situação do jornal. Em carta ao dirigente da Sociedade 25 de Julho, no Rio de Janeiro, Koehler acentuava que tinha interesse em “aos poucos, inserir em Blumenau líderes bem formados, nascidos no Brasil”, mas que como Oberacker, revelassem “propósitos culturais alemães muito bem forjados”.⁵⁰

Em cartas enviadas por Koehler a entidades e ao governo alemães, a partir de 1933, deixava transparecer seus receios em relação a um possível movimento nacionalizador e também sua oposição à atividades do grupo local do NSDAP – Partido Nacional-Socialista Alemão, não por razões ideológicas, já que o jornal fazia propaganda do governo nacional-socialista na Alemanha, mas por conta de disputas de poder com o grupo local daquele partido. Provavelmente, por conta destes fatos, visse em Oberacker o homem “adequado”, como se referira numa das cartas, para trabalhar em seu jornal, tratando ali de “assuntos teuto-brasileiros”. A dualidade presente na categoria “teuto-brasileiro” permitiria que Oberacker realçasse um ou outro elemento étnico, dependendo da circunstância.⁵¹

Como se apreende, o instituto histórico e cultural, através de trabalhos a serem publicados, assim como o jornal citado, seriam meios para este círculo centrado em Curt Hering, de se exercer um poder simbólico, ou seja, um poder de fazer coisas com palavras, segundo definição de Pierre Bourdieu.⁵² Por conta disto que havia tanto interesse, por parte de Curt Hering e Gustav Koehler, em articular estratégias para viabilizar a vinda de Oberacker.

É importante aqui destacar o papel significativo que desempanhava Koehler nos assuntos culturais e também políticos de Blumenau, muito embora a sua presença quase não apareça em trabalhos historiográficos sobre política, até porque muitos deles se restringem à política formal, priorizando os feitos do Estado e a organização dos partidos políticos. Koehler era um grande articulador político no Vale do Itajaí, também de grande influência na imprensa e em instituições culturais do Vale do Itajaí. Uma pesquisa mais aprofundada logo nos faz perceber sua atuação em diversas entidades do Vale do Itajaí. Suas cartas a diversos

sujeitos e entidades alemãs nos permitem perceber sua forte atuação não somente na área cultural, mas também no âmbito da política local.

Apesar da perda dos cargos políticos, em nível municipal e estadual, percebe-se como integrantes ou pessoas ligadas às elites econômicas filiadas ao PRC articulam estratégias políticas no campo cultural no Vale do Itajaí, com vistas a preservar espaços de influência. Aquele instituto tinha o objetivo de não só recolher cultura material e documental, mas também de produzir saberes, o que, obviamente, seria determinado pelos interesses de seus sócios-fundadores, uma vez que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural.⁵³

Entretanto, não foram encontrados trabalhos produzidos e publicados por intermédio do Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí, pois ele por pouco tempo existiu.⁵⁴ Quando morreu um de seus fundadores, Theodor Lüders, em janeiro de 1938, o Instituto lhe rendeu homenagens através de nota de falecimento no *Urwaldsbote*, que ainda publicou artigo, escrito por Gustav Koehler, afirmando que o Instituto pretendia incorporar o acervo do arquivo de que Lüders cuidava, na Câmara Municipal de Blumenau, para possibilitar também a pesquisadores, com base na documentação existente, estudos sobre a história da colonização.⁵⁵ Estas foram as últimas notícias sobre o instituto na imprensa de língua alemã de Blumenau.

Um de seus fundadores, Frederico Kilian, ao escrever sobre os destinos da entidade, em 1976, deu como razões para seu desaparecimento, a Campanha de Nacionalização e o fato de Victor Konder, tido por ele como o grande mentor do projeto, não contar na época com apoio do governo. Este fato reforça o caráter político do instituto. Frederico Kilian rememora que “naquela época, todo e qualquer movimento ou ação, que tentasse, em Blumenau, manter viva ou preservar suas tradições históricas, seu espírito pioneiro, baseado nos exemplos dos pioneiros da colonização alemã, era tido como ato de lesa-pátria.”⁵⁶ A Campanha de Nacionalização influenciou diretamente a produção, circulação e a reprodução de uma determinada memória em Blumenau. Este controle da produção e circulação de saberes, realizado pelas instituições do governo, tratou também de inviabilizar as atividades do instituto histórico e cultural do Vale do Itajaí, que viu seus projetos frustrados.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ PIAZZA, Walter F. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 1896-1996: estudo histórico-analítico*. Florianópolis: Editora da UDESC, 1996, p. 20-23.

² *Ibidem*, p. 20.

³ FREITAS apud BITENCOURT, João. *Clio positivada: a artesanaria da cidade histórica de Laguna*. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, p. 96.

⁴ Sobre estas ligações ver DEEKE, José. *O município de Blumenau e a história de seu desenvolvimento*. [1917]. Blumenau: Nova Letra, 1995, p. 126.

⁵ BITENCOURT, op. cit., p. 97-98.

⁶ ZUMBLICK, Raimundo. Prefácio. In: PIAZZA, op. cit., p. 05.

⁷ SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 66, 1996.

⁸ José Deeke nasceu em Blumenau. Após uma viagem à Alemanha, em 1903, começou a trabalhar como funcionário da Sociedade Colonizadora Hanseática, da qual tornou-se diretor, entre 1909 e 1929. Além do livro *Entwicklungsgeschichte des Munizips Blumenau* (História do desenvolvimento do município de Blumenau), publicado em 1917 pela Editora Rotermund de São Leopoldo, escreveu inúmeros contos literários, artigos sobre diversos assuntos, publicados em revistas, jornais e almanaques. Sobre sua obra ver dissertação de mestrado de FERREIRA, op. cit.

⁹ Sobre história do Vale do Itajaí publicou, entre outros trabalhos, o livro *Das Itajahy-Tal: deutsche Siedlung im brasilianischen Urwald*. Blumenau und Hansa. Hamburg o. D. [em torno de 1910], e o artigo "Die Kolonie Hansa im brasilianischen Staate Santa Catharina", publicado na revista *Gut Deutsch und Evangelisch Allewege*, sem indicação de data. Sobre a obra do autor ver KLUG, João. O pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (Org.). *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 97.

¹⁰ O alemão Eugen Fouquet foi editor do jornal *Urwaldsbote* de 1898 até 1934. Foi considerado pela antropóloga Giralda Seyferth, o mais pangermanista de toda a imprensa teuto-brasileira. Cf. SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: FCC, 1982, p. 52.

¹¹ Sobre história, publicou, por exemplo, o artigo intitulado *Zur Geschichte Neu-Breslau, Blumenauer Volkskalender*, p. 67-72, 1933; *Festschrift zum 25-Jährigen Bestehen des Stadtplatzes und der Schule Neu-Breslau*. Blumenau, 1929. Era redator do jornal *Urwaldsbote* e autor de inúmeros poemas, publicados no mesmo jornal e em outras publicações locais.

¹² Sobre sua produção historiográfica ver último capítulo da tese de doutoramento da autora.

¹³ Este publicou, por exemplo, o seguinte texto: *Die Kolonisation des Munizips Blumenau in den letzten dreissig Jahren*. *Wille 's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*, Blumenau, 1935, p. 107-118.

¹⁴ Neste livro há artigos sobre história do médico Hugo Gensch (escritos em alemão) e do italiano Giovanni Rossi (em italiano). *Blumenau. 50 anos*. Sem local de publicação e editora. 1900.

¹⁵ GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 38.

¹⁶ FERREIRA, op. cit., p. 146. Conforme Cristina Ferreira, a língua alemã também determinava a escolha de livros sobre história do Brasil, para poder contextualizar os fatos da história local que José Deeke analisava em seus artigos. Em seu livro *Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte* (O município de Blumenau e a história do seu desenvolvimento), de 1917, para fazer referência a fatos e processos da história nacional, o autor se limita à compilação de dados de livros sobre história do Brasil escritos por autores alemães. Conforme FERREIRA, Op. cit., p. 58.

¹⁷ Participam com artigos neste livro, José Deeke, Frederico Kasperek (editor do jornal *Blumenauer Zeitung*), Rudolf Damm, Max Humpl (professor que atuava em Blumenau), Fritz Gofferjé (médico atuante em Blumenau), padre franciscano Stanislaw Schaeffe (que atuava em Blumenau), Marcos Konder (político do Partido Republicano Catarinense, de Itajaí), o pastor Richter, pastor Hans Mueller, entre outros. Conforme índice do *Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*. Florianópolis: Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, 1929.

¹⁸ LE GOFF, op. cit., p. 434.

¹⁹ Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajahy. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 20 fev. 1937. p. 02.

²⁰ REIS, Antônio Carlos Konder. Vitor Konder. *Centenário de Blumenau. 1850-1950*. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950, p. 390.

²¹ Frederico Kilian participava de diversas outras atividades culturais no município. Foi, por exemplo,

presidente de Clube de Caca e Tiro em Massaranduba, e colaborava, como correspondente, nos jornais locais de Blumenau. Sobre sua biografia ver Pasta 3.K.4. Doc-01. AHJFS.

²² KILIAN, Frederico. O Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*, Tomo XVII, n. 12, p. 470, dezembro de 1976.

²³ Infelizmente não são relacionados os nomes dos 50 membros: Instituto Histórico e Cultural do Valle do Itajahy. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 20 fev. 1937. p. 02.

²⁴ No AHJFS não há documentos contemporâneos à fundação do instituto. Informações sobre esta entidade foram encontradas no jornal *Urwaldsbote* e no artigo citado na nota anterior. Nestes documentos não constam os nomes de todos os integrantes do instituto. Através do estatuto, sabe-se apenas que na época ficou estabelecido que os integrantes do instituto eram os seus sócio-fundadores, que só poderiam ser substituídos em caso de morte, pedido de desligamento por parte dos mesmos ou mudança de domicílio.

²⁵ KILIAN, Frederico. O Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*, Tomo XVII, n. 12, p. 469, dez. 1976.

²⁶ KOEHLER, G. Artur. Theodor Lüders: ein schlichtes Gedenkwort. *Der Urwaldsbote*, Blumenau, 04.01.1938, p. 02.

²⁷ Jacques Le Goff se refere aos *mnemones*, funcionários da memória utilizados pelas cidades antigas como magistrados encarregados de conservar na sua memória o que era útil em matéria religiosa e jurídica, e que com o desenvolvimento da escrita, transformaram-se em arquivistas. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 437.

²⁸ O alemão Siegfried Endress, que em Blumenau esteve na primeira metade dos anos 30 para recolher material para sua tese de doutoramento em Geografia, se refere a Theodor Lüders como um “herói do trabalho silencioso”. ENDRESS, op. cit., p. 3.

²⁹ Sua inclusão no IHGSC, entretanto, não resultou em publicações de textos seus pelo instituto, já que este, desde 1920, não publicava mais sua revista. PIAZZA, op. cit., p. 36.

³⁰ Em 1928, publicou seu primeiro pequeno estudo, *O Padre Jacobs*. Em 1929, publicou *Fritz Müller*, biografia do naturalista alemão que viveu em Blumenau nos primeiros tempos da Colônia, e em 1931, *Dr. Blumenau*, uma biografia sobre o fundador da Colônia. Em 1932, publicou *A colonização do Vale do Itajaí* e no ano seguinte, *O catolicismo em Blumenau*.

³¹ José Ferreira da Silva, tendo iniciado em Blumenau sua carreira de advogado e jornalista, onde fundou diversos jornais e um almanaque em língua portuguesa. Tendo observado a grande penetração dos almanaques escritos em alemão, entre a população do Vale do Itajaí, Ferreira da Silva se apropriou desta idéia e em 1934, publicou um almanaque anual, o *Calendário Blumenauense*, no estilo dos demais almanaques, mas em português.

³² Sobre isto ver BLUMENAU. Prefeitura municipal. Relatório da gestão dos negócios administrativos do município de Blumenau, durante o ano de 1936, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Alberto Stein. AHJFS.

³³ NORA, op. cit., p. 13.

³⁴ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.) *A invenção das tradições*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 16.

³⁵ Sobre isto ver capítulo 2 da tese de doutoramento da autora (p. 73-81).

³⁶ CORREA, Carlos Humberto P. *Lições de política e cultura: a Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder*. Florianópolis: Edições A.C.L, 1996, p. 60.

³⁷ *Ibidem*, p. 61.

³⁸ Foi o caso de Osvaldo Cabral, para trabalhar na administração do município de Florianópolis, em 1935, de Carlos da Costa Pereira, de São Francisco do Sul, para chefiar a Biblioteca Pública do Estado, e de outros. Cf. CABRAL, Osvaldo R. Introdução. In: PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976. P. 05-24.

³⁹ *Ibidem*, p. 13.

⁴⁰ PIAZZA, Walter F. *Instituto Histórico...* p. 29-31.

⁴¹ PIAZZA, Walter F. O historiador José Ferreira da... p. 13.

⁴² Como não se tem a relação dos sócios do Instituto, não se pode afirmar que Gustav Koehler fôsse um deles. É provável que sim, julgando seu empenho em divulgar notícias do instituto em seu jornal e suas articulações no sentido de trazer alguém para Blumenau, para trabalhar tanto em seu jornal, como para o instituto.

⁴³ Trata-se do livro: OBERACKER, Karl. *Die volkspolitische Lage des Deutschtums in Rio Grande do Sul*. (Südbrasilien). Jena: Verlag von Gustav Fischer, 1936.

⁴⁴ Em 1936, o cônsul de Florianópolis e o Ministério das Relações Exteriores alemão cuidaram para que Konder fosse acompanhado em muitos dos seus programas e visitas na Alemanha e que tivesse todos os gastos com transporte pagos pelo governo alemão. Sobre isto ver *Carta do Ministro dos Transportes da Alemanha*. Berlim, 28 ago. 1936. Arquivo do Ministério das Relações Exteriores de Berlim, Pasta R 60030.

⁴⁵ OBERACKER, Karl. *Carta a Gustav Arthur Koehler*. Berlin, 6 ago. 1937. AHJFS, Pasta 3. K. 11, Doc-02.

⁴⁶ KOEHLER, G. A. *Carta a Karl Oberacker*. Blumenau, 27 out. 1937. AHJFS, Pasta 3. K. 11, Doc-02.

⁴⁷ Não foram encontrados outros documentos sobre esta entidade em Blumenau. Numa reunião que decidiu pela criação de uma Liga de Sociedades Blumenauenses, em 1937, Curt Hering aparece como representante da Federação 25 de Julho. Documento 9.11.1.2.6. Caixa 01 – Doc. 13. Pasta Nazismo. AHJFS.

⁴⁸ O *Urwaldsbote* e a Federação 25 de julho deveriam garantir o pagamento de seus serviços. Sobre isto ver KOEHLER, G. A. *Carta a Karl Oberacker*. Blumenau, 27 out. 1937. AHJFS, Dossiê 3. K. 11. Doc-02 e KOEHLER, G. A. *Carta ao cônsul Henrique Schueler, da Federação 25 de Julho, do Rio de Janeiro*. Blumenau, 14 dez. 1937. Dossiê 3. K. 11. Doc-02.

⁴⁹ KOEHLER, G. A. *Carta à VDA*. Blumenau, 28 dez. 1937. AHJFS, Dossiê 3.K.11. Doc-02.

⁵⁰ KOEHLER, G. A. *Carta ao Cônsul Henrique Schueler, da Federação 25 de Julho, do Rio de Janeiro*. Blumenau, 14 dez. 1937. AHJFS, Dossiê 3. K. 11. Doc-02 (Tradução livre da autora).

⁵¹ Sobre a questão do realce e a manipulação da identidade étnica, ver POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998, p. 168-169.

⁵² BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 166.

⁵³ DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 66.

⁵⁴ Sobre Oberacker, este tornou-se redator do *Urwaldsbote* em julho de 1938, em substituição a Victor Schleiff. Oberacker aparece como organizador de uma série intitulada *Brasilianische Schriften* (Escritos brasileiros), publicada como separata do jornal.

⁵⁵ KOEHLER, G. A. Theodor Luders. Eins schlichtes Gedenkwort. *Der Urwaldsbote*, 04 jan. 1938, p. 02.

⁵⁶ KILIAN, op. cit., p. 471.